A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO EM ARTETERAPIA: PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS E DESAFIOS ÉTICOS NA PESQUISA CONTEMPORÂNEA

FLÁVIA CARDOSO SILVA

RESUMO
Este artigo tem como objetivo analisar os fundamentos e as metodologias da pesquisa em arteterapia, destacando a importância da construção de uma base de evidências sólida para o avanço e a legitimação da profissão. A metodologia adotada consiste em uma revisão bibliográfica de cunho qualitativo, fundamentada em um levantamento de produções científicas recentes e em obras seminais que discutem a epistemologia da arteterapia. O estudo percorre as etapas do processo de pesquisa, desde a identificação do problema e a formulação de perguntas focais até a análise de dados e a disseminação dos resultados. Abordam-se as diferentes lentes de investigação: as abordagens quantitativas, qualitativas e as metodologias baseadas na própria arte, que permitem ao pesquisador utilizar a linguagem visual como ferramenta de descoberta. As discussões destacam que o rigor científico não deve ser visto como um opositor da criatividade terapêutica, mas como um aliado na defesa dos direitos dos usuários dos serviços e na melhoria contínua das práticas clínicas em diversos contextos. As considerações finais reiteram que a pesquisa ética, reflexiva e aberta ao cenário internacional é essencial para validar a eficácia da arteterapia e promover sua integração em sistemas de saúde, educação e assistência social. Conclui-se que o fortalecimento da identidade do profissional enquanto pesquisador é o caminho para uma prática fundamentada que respeite a singularidade da expressão artística e a complexidade do encontro terapêutico.

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Arte; Linguagem visual; Criatividade terapêutica; Expressão artística.

ABSTRACT
This article aims to analyze the foundations and methodologies of research in art therapy, highlighting the importance of building a solid evidence base for the advancement and legitimization of the profession. The methodology adopted consists of a qualitative literature review, based on a survey of recent scientific productions and seminal works that discuss the epistemology of art therapy. The study covers the stages of the research process, from identifying the problem and formulating focal questions to data analysis and dissemination of results. Different investigative lenses are addressed: quantitative approaches, qualitative approaches, and methodologies based on art itself, which allow the researcher to use visual language as a tool for discovery. The discussions emphasize that scientific rigor should not be seen as an opponent of therapeutic creativity, but as an ally in defending the rights of service users and in the continuous improvement of clinical practices in various contexts. The final considerations reiterate that ethical, reflective research open to the international scenario is essential to validate the effectiveness of art therapy and promote its integration into health, education, and social assistance systems. It is concluded that strengthening the professional's identity as a researcher is the path to a grounded practice that respects the uniqueness of artistic expression and the complexity of the therapeutic encounter.

KEY-WORDS: Art therapy; Art; Visual language; Therapeutic creativity; Artistic expression.

INTRODUÇÃO

A arteterapia, enquanto campo interdisciplinar consolidado na interface entre as artes visuais, a psicologia e as ciências da saúde, vivencia um momento de expansão e necessidade de afirmação acadêmica. A relevância deste tema reside na urgência de transpor o conhecimento produzido nos consultórios e ateliês para o domínio público e científico. Pesquisar em arteterapia não é apenas uma exigência acadêmica, mas um compromisso com a transparência e a eficácia das intervenções que utilizam a linguagem simbólica como via de cura. Em um mundo onde a saúde mental se torna prioridade global, compreender os mecanismos pelos quais a expressão artística atua no

psiquismo humano é fundamental para conferir à profissão o status de ciência humana rigorosa, afastando-a de interpretações meramente recreativas.
A justificativa para a elaboração deste estudo pauta-se na carência de uma sistematização que oriente o profissional sobre os caminhos metodológicos possíveis dentro da área. Muitas vezes, o arteterapeuta sente-se intimidado pelo rigor estatístico ou pelas normas de investigação científica, temendo que tais estruturas possam "engessar" a fluidez do processo criativo. No entanto, a justificativa social e profissional aqui apresentada defende que a pesquisa é a principal ferramenta de proteção do cliente e de fortalecimento da categoria. Ao documentar resultados de forma sistemática, o profissional adquire subsídios para dialogar com equipes multidisciplinares, garantir financiamentos públicos e assegurar que as técnicas utilizadas possuem fundamentação teórica e prática validada.
O objetivo geral deste artigo é analisar o processo de construção do conhecimento em arteterapia sob uma perspectiva metodológica ampla e ética. De forma específica, busca-se: descrever as etapas fundamentais para a formulação de uma investigação científica na área; comparar as abordagens quantitativas, qualitativas e as pesquisas baseadas na arte; discutir os dilemas éticos específicos que envolvem o uso da imagem do cliente em produções acadêmicas. Pretende-se, portanto, oferecer um arcabouço que incentive o arteterapeuta a assumir sua identidade como pesquisador, unindo a sensibilidade estética ao compromisso com a verdade científica.
No mais, este estudo delimita-se à revisão bibliográfica de obras que são referência no cenário internacional e nacional, buscando sintetizar as tendências contemporâneas da investigação arteterapêutica. Acredita-se que, ao desmistificar a pesquisa, é possível fomentar uma cultura de publicação e troca de saberes que beneficie não apenas a academia, mas também as populações atendidas por essa prática transformadora.

DESENVOLVIMENTO

A inserção da arteterapia no campo da investigação científica formal pressupõe, antes de tudo, um esforço de delimitação epistemológica que reconheça a singularidade desta disciplina sem renunciar ao rigor necessário ao diálogo acadêmico. Historicamente, a prática arteterapêutica desenvolveu-se sob a égide da experiência clínica direta, muitas vezes sustentada por uma intuição estética que, embora potente no encontro terapêutico, carecia de mecanismos de sistematização que permitissem sua validação externa. Pesquisadores contemporâneos apontam que este cenário está em plena transformação, uma vez que a necessidade de consolidar a arteterapia como uma ciência humana e da saúde exige que o profissional não apenas "faça" arte, mas que "pense" e "documente" o processo sob lentes metodológicas claras.
Conforme sugere Kapitan (2025), o desafio da pesquisa atual reside em encontrar um ponto de equilíbrio onde o método não asfixie a criatividade, mas sim atue como uma estrutura de suporte que permita à inteligência criativa ser comunicada e compreendida por outros campos do saber. Este movimento de exteriorização do conhecimento é o que permite a construção de uma base bibliográfica sólida, capaz de sustentar argumentos em defesa da profissão em esferas governamentais e institucionais. Dessa forma, o desenvolvimento de um artigo científico na área deve ser encarado como um espaço de interatividade crítica entre a literatura existente e as descobertas emergentes da prática. Ao revisar os fundamentos da investigação, percebe-se que a escolha entre abordagens quantitativas ou qualitativas não deve ser pautada por uma preferência pessoal do pesquisador, mas sim pela natureza do problema que se deseja investigar.
Se por um lado a necessidade de evidências mensuráveis é defendida por Gantt (2004) como uma via de legitimação perante o modelo médico, por outro, a profundidade fenomenológica proposta por McNiff (2013) garante que a essência simbólica da arte não seja reduzida a meras variáveis estatísticas. A articulação entre esses polos é o que confere à arteterapia sua identidade multifacetada. A pesquisa, portanto, atua como uma ferramenta de reflexividade que obriga o arteterapeuta a sair de sua zona de conforto e a questionar os pilares de sua própria atuação, promovendo um refinamento técnico que beneficia diretamente

o sujeito atendido.
Nesse sentido, a fundamentação teórica que segue pretende explorar como essas diferentes visões de mundo — da neurociência à estética — convergem para formar o que hoje entendemos como pesquisa baseada em evidências arteterapêuticas. A compreensão de que a imagem produzida é, simultaneamente, um dado biológico, um registro psíquico e um artefato cultural exige que o pesquisador adote uma postura de humildade intelectual, reconhecendo que nenhum método sozinho é capaz de esgotar a riqueza do fenômeno criativo.
Segundo Leedy e Ormrod (2021), a excelência na pesquisa nasce do planejamento rigoroso e da transparência ética, elementos que serão discutidos adiante como garantias da qualidade científica e social da produção acadêmica em arteterapia. Ao estabelecer este diálogo inicial entre a teoria e a prática, o presente capítulo busca fornecer o estofo necessário para que o leitor compreenda a arteterapia não apenas como um conjunto de técnicas, mas como um campo de saber em constante evolução e autorreflexão.
A construção do conhecimento científi-i co no campo da arteterapia exige que o profissional transcenda a prática imediata do ateliê para ingressar em um domínio de investigação sistemática, reflexiva e pautada em critérios de validade que sustentem a profissão frente aos desafios da contemporaneidade.
Segundo a literatura especializada, o ato de pesquisar nesta área não deve ser percebido como um distanciamento da alma artística, mas como uma forma de documentar a inteligência criativa que emerge no encontro terapêutico, conferindo visibilidade a processos que, de outra forma, permaneceriam restritos à subjetividade do consultório.
A jornada investigativa inicia-se com o reconhecimento de que a arteterapia é uma disciplina situada em uma encruzilhada epistemológica, onde o rigor da ciência precisa dialogar constantemente com a fluidez da estética e a profundidade da psique humana.
Conforme argumenta Kapitan (2025), a pesquisa é uma extensão natural da curiosidade clínica, exigindo que o arteterapeuta se torne um observador participante capaz de transformar insights subjetivos em dados comunicáveis para a comunidade acadêmica global.
Este processo de transição do saber de experiência para o conhecimento validado é fundamental para que a profissão ocupe espaços em instituições de saúde, educação e assistência social que operam sob a lógica da eficácia comprovada, permitindo que o profissional fundamente suas escolhas técnicas em evidências robustas e não apenas em intuições isoladas.
Para que a pesquisa em arteterapia alcance a robustez necessária, é imperativo que o investigador compreenda as lentes teóricas e as visões de mundo que orientam sua percepção da realidade, pois a definição de uma postura epistemológica é o que fundamenta a escolha dos métodos e a posterior interpretação dos achados.
Quando o pesquisador adota uma postura voltada para a busca de padrões, generalizações e relações de causa e efeito, as estratégias quantitativas tornam-se ferramentas essenciais de demonstração e legitimação.
Pesquisadores como Gantt (2004) e Betts (2006) têm defendido, ao longo das últimas décadas, a grande importância de avaliações formais e mensuráveis que possam traduzir a experiência subjetiva da imagem em dados passíveis de análise estatística e comparação sistemática.
Essa abordagem mostra-se essencial para o diálogo interdisciplinar com áreas como a psiquiatria e a neurologia, pois permite a criação de protocolos de intervenção que podem ser replicados em larga escala para tratar condições específicas, como transtornos de ansiedade ou traumas decorrentes de crises humanitárias.
Neste contexto, Malchiodi (2020) corrobora essa perspectiva ao destacar que a pesquisa em arteterapia tem avançado significativamente na compreensão da regulação do sistema nervoso e na redução do cortisol através da expressão criativa, oferecendo uma base biológica sólida para o que antes era compreendido apenas no plano simbólico.
A utilização de escalas de avaliação validadas e desenhos experimentais confere à arteterapia a credibilidade institucional necessária para figurar em políticas públicas de saúde, onde a mensuração de resultados é frequentemente o critério para a manutenção de serviços.

No entanto, a complexidade da experiência humana e a riqueza do símbolo artístico raramente são totalmente capturadas apenas por métricas numéricas, o que justifica a profunda e resiliente tradição da pesquisa qualitativa no campo arteterapêutico. A investigação qualitativa foca nos significados, nos contextos socioculturais e nas nuances do processo criativo, utilizando métodos como a fenomenologia e a etnografia para descrever a essência da vivência do sujeito em sua totalidade.

Na visão de pesquisadores como Huet (2025), a compreensão profunda do ambiente institucional e das complexas relações interpessoais é o que permite ao arteterapeuta navegar pelas tensões da prática clínica e social, adaptando suas intervenções às necessidades reais do público atendido.

Complementarmente, McNiff (2013) sugere que a pesquisa qualitativa em arteterapia deve ser entendida como uma forma de investigação que honra a alma do processo criativo, onde o pesquisador se permite ser tocado pelo fenômeno estudado.

O estudo de caso qualitativo permanece como o pilar central da literatura na área, oferecendo uma descrição detalhada que revela como o uso de materiais específicos ou a emergência súbita de uma metáfora visual sinalizam mudanças estruturais na psique do indivíduo. Essa modalidade de pesquisa valoriza a "voz" da imagem e a narrativa do sujeito, garantindo que o fenômeno terapêutico seja mantido em sua dignidade orgânica, respeitando o tempo de maturação de cada indivíduo no espaço seguro do ateliê terapêutico.

A consolidação da Pesquisa Baseada na Arte (Art-Based Research) representa uma das maiores inovações das últimas décadas, propondo que a criação artística deixe de ser apenas o objeto de estudo para tornar-se o próprio motor da análise.

Kapitan (2025) reforça que o pesquisador deve utilizar sua identidade como artista para processar informações de maneira sensorial e intuitiva, reconhecendo que a linguagem verbal é, muitas vezes, limitada para expressar as descobertas que ocorrem no nível visual.

Gilroy (2006) corrobora esse pensamento ao afirmar que a arteterapia precisa de métodos que sejam congruentes com sua natureza estética, evitando a dependência excessiva de modelos puramente médicos ou psicológicos que podem negligenciar a potência da imagem.

A arte, neste paradigma, possui uma agência própria e uma capacidade heurística de revelar verdades que a lógica racional poderia ignorar. Ao envolver-se em atos criativos como parte integrante da investigação, o arteterapeuta-pesquisador integra os hemisférios cerebral e emocional, gerando um conhecimento incorporado (embodied knowledge) que ressoa com a natureza da própria terapia e fortalece a identidade profissional do arteterapeuta.

A dimensão ética da pesquisa em arteterapia, por sua vez, exige um compromisso inegociável com a integridade e a responsabilidade social, uma vez que lidamos com produções que são extensões do eu do cliente e que carregam uma carga afetiva profunda.

Conforme apontado por Leedy e Ormrod (2021), a integridade na pesquisa científica pressupõe a transparência absoluta dos métodos, a honestidade no relato dos achados e o respeito irrestrito à autonomia dos participantes.

No contexto da arteterapia, isso envolve dilemas únicos sobre a autoria das imagens e a forma como estas são reproduzidas e interpretadas em meios acadêmicos. Uma pesquisa ética e consciente deve evitar posturas colonizadoras que impõem interpretações teóricas sobre a obra do outro sem considerar sua cultura e contexto. Em vez disso, deve-se buscar uma prática colaborativa que promova a justiça social, garantindo que o conhecimento gerado sirva para empoderar o cliente e melhorar a qualidade dos serviços oferecidos à coletividade.

Dando continuidade à articulação teórica, percebe-se que a pesquisa também atua como um mecanismo de reflexividade crítica, permitindo que o arteterapeuta questione seus preconceitos e refine sua percepção clínica.

A literatura sugere que o envolvimento com a pesquisa protege o profissional contra a estagnação, pois o obriga a manter-se atualizado com as tendências globais. A articulação entre os autores citados demonstra que não há um método soberano, mas sim uma necessidade de pluralismo metodológico que responda à

diversidade dos problemas enfrentados na prática.

Seja através do rigor de Gantt (2004), da sensibilidade de Huet (2025) ou da inovação de Kapitan (2025), o objetivo comum permanece o mesmo: elevar a arteterapia ao patamar de uma disciplina essencial para o bem-estar humano, fundamentada em uma ética de cuidado que é, simultaneamente, artística e científica. A integração dessas perspectivas permite que o pesquisador construa um trabalho tecnicamente sólido sem perder a sensibilidade necessária para lidar com o sofrimento humano através da arte.

A disseminação do conhecimento justifi-i ca socialmente todo o esforço empenhado no processo de pesquisa. Um artigo científico não deve ser compreendido como um fim isolado, mas como uma contribuição ativa para uma conversa global contínua entre pares.

Ao compartilhar descobertas, mesmo aquelas que apontam para limitações, o profissional contribui para o fortalecimento da literacia em pesquisa de toda a categoria, enriquecendo a base bibliográfica e oferecendo subsídios para futuros investigadores. Esse movimento de saída do isolamento do consultório em direção à esfera pública é o que permite que a arteterapia influencie decisões políticas e continue a evoluir como uma ciência humana integrada.

O compromisso com a pesquisa é um compromisso com a excelência clínica e com a justiça: ao pesquisar com rigor e sensibilidade, o arteterapeuta honra a confiança de seus clientes e assegura que o poder transformador da arte continue a ser uma via reconhecida e respeitada para a promoção da dignidade humana em toda a sua complexidade biopsicossocial.

A expansão do conhecimento em arteterapia exige que o pesquisador não apenas documente resultados, mas que compreenda a teia de relações que sustenta o processo criativo. Dentro de uma perspectiva sistêmica, a investigação deve considerar que o sujeito não cria de forma isolada; sua produção é influenciada pelo ambiente, pela cultura e pelas relações interpessoais.

Como aponta Huet (2025), a pesquisa em contextos institucionais revela que a arte pode atuar como um catalisador de mudanças não apenas no indivíduo, mas em todo o sistema organizacional. Ao analisar como a arteterapia se integra em equipes multidisciplinares, o pesquisador identifica padrões de comunicação que o discurso verbal muitas vezes oculta. Essa visão sistêmica corrobora a necessidade de métodos qualitativos que capturem a complexidade das interações humanas, permitindo que a prática seja compreendida como um fenômeno dinâmico e vivo, em constante adaptação às demandas do meio social.

No campo da fenomenologia da imagem, a pesquisa se volta para a essência da experiência visual, buscando compreender como o cliente se relaciona com o objeto criado. McNiff (2013) argumenta que a imagem possui uma autonomia que desafia interpretações simplistas. Para este autor, o pesquisador deve adotar uma postura de "escuta visual", permitindo que a obra dite os caminhos da análise. Essa abordagem fenomenológica evita que o terapeuta imponha diagnósticos precoces, favorecendo uma investigação que respeita a soberania do criador. A pesquisa contemporânea tem demonstrado que, ao focar na relação sujeito-objeto, o arteterapeuta descobre novas camadas de significado que fundamentam a eficácia da intervenção estética. É através desse mergulho na materialidade e na forma que a arteterapia se consolida como uma disciplina que valoriza a subjetividade sem abdicar do rigor analítico necessário para a validação acadêmica.

Ademais, a dimensão multicultural e anti-opressiva tem ganhado destaque nas discussões de Kapitan (2025), que defende uma linguagem consciente e inclusiva na produção científica. Pesquisar arteterapia hoje implica em reconhecer as diversas identidades e as desigualdades estruturais que permeiam a saúde mental.

A investigação ética deve, portanto, dar voz a grupos marginalizados, garantindo que as ferramentas artísticas sejam utilizadas para o empoderamento e para a justiça social.

Malchiodi (2020) reforça que, ao considerar o trauma coletivo e as questões de raça e classe, o pesquisador amplia o alcance da arteterapia, tornando-a uma ferramenta de resistência e resiliência. Essa perspectiva crítica é fundamental para que a profissão não se torne uma prática elitista, mas sim uma ciência hu-

mana comprometida com a transformação das realidades locais e globais.
A articulação entre a neurociência e a prática clínica também ganha novas camadas quando analisamos o impacto da sensorialidade. A pesquisa tem mostrado que a manipulação de materiais diversos — como argila, tintas e texturas — ativa diferentes áreas do córtex cerebral, promovendo a integração inter-hemisférica. Gantt (2004) enfatiza que a documentação sistemática dessas reações sensoriais permite ao arteterapeuta estruturar planos de tratamento mais assertivos para pacientes com dificuldades de comunicação verbal. Ao registrar como o contato com a matéria influencia o estado emocional, o pesquisador produz evidências que aproximam a arteterapia das ciências da reabilitação e do desenvolvimento humano. Esse diálogo interdisciplinar é o que garante a sobrevivência da área em um mercado de trabalho cada vez mais pautado pela busca de resultados mensuráveis e cientificamente embasados.
Por fim, a integridade na disseminação desses resultados é o que assegura a longevidade da profissão. Conforme discutido por Leedy e Ormrod (2021), a pesquisa científica é um exercício de responsabilidade pública. Cada artigo publicado, cada relato de experiência fundamentado e cada dado estatístico analisado contribuem para a construção de um edifício sólido de saberes. O arteterapeuta que pesquisa não apenas melhora sua própria prática, mas oferece às gerações futuras um mapa seguro para a exploração do psiquismo humano através da arte. A união entre o rigor do método e a liberdade da criação é o que define a arteterapia como uma ciência única, capaz de tocar as profundezas da alma enquanto mantém os pés firmes no chão da evidência e da ética acadêmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória percorrida ao longo desta revisão bibliográfica permite concluir que a pesquisa científica em arteterapia não é um mero acessório acadêmico, mas o pilar central que sustenta a evolução, a ética e a credibilidade desta profissão no cenário contemporâneo. Ao longo da discussão, ficou evidente que o arteterapeuta que se propõe a investigar sua prática está, na verdade, exercendo um ato de profundo compromisso com seus clientes e com a sociedade.
A transição de uma atuação puramente intuitiva para uma prática baseada em evidências é o que permite que a arteterapia saia das margens e ocupe espaços legítimos em hospitais, escolas, comunidades e centros de pesquisa. A conclusão mais imediata deste estudo é que o rigor metodológico e a sensibilidade artística não são polos opostos; eles são, em última análise, linguagens complementares que, quando bem articuladas, oferecem uma compreensão muito mais profunda da alma humana e dos processos de cura mediadores pela arte.
Percebe-se que a diversidade de métodos — que transita entre o rigor estatístico das abordagens quantitativas, a profundidade das pesquisas qualitativas e a inovação das metodologias baseadas na própria arte — é a maior riqueza da área. Não há um caminho único para a verdade em arteterapia.
O que existe é uma necessidade premente de que o pesquisador escolha suas ferramentas com consciência epistemológica, sabendo exatamente o que cada lente pode ou não revelar sobre o fenômeno terapêutico. A conclusão reforça que a adoção de posturas investigativas flexíveis e inclusivas permite que a arteterapia responda aos desafios de um mundo multicultural e globalizado, onde as identidades são fluidas e as necessidades de saúde mental são cada vez mais complexas e urgentes.
No que tange aos aspectos éticos, o estudo revela que a integridade do pesquisador é o que garante a segurança do cliente. A responsabilidade sobre a imagem produzida no encontro terapêutico exige um cuidado que ultrapassa as normas burocráticas; trata-se de uma ética de cuidado e de proteção do sagrado que habita a expressão de cada indivíduo.
Conclui-se que a pesquisa em arteterapia deve ser sempre um ato de libertação e nunca de colonização do saber do outro. O pesquisador deve atuar como um mediador que dá voz e visibilidade a processos silenciosos, garantindo que o conhecimento gerado retorne como benefício direto para aqueles que se disponibilizaram a participar do estudo. A ética é, portanto, o fio condutor que une a técnica à humanidade, garantindo que a ciência nunca se distancie do respeito irrestrito à dignidade humana.

Além disso, este artigo sinaliza que a formação do arteterapeuta deve integrar a literacia em pesquisa como uma competência fundamental desde os estágios iniciais. Um profissional que não sabe ler criticamente a literatura de sua área está fadado à estagnação e à repetição de fórmulas prontas.

Por outro lado, o arteterapeuta-pesquisador é um agente de transformação, capaz de identificar lacunas, propor novas intervenções e questionar dogmas estabelecidos. A conclusão aponta para a necessidade de criação de redes de pesquisa e colaboração internacional, onde o conhecimento possa circular livremente, fortalecendo a categoria em nível global e garantindo que a arteterapia seja reconhecida como uma via essencial e insubstituível para a promoção da saúde.

Olhando para o futuro, as considerações finais deste trabalho sugerem que o próximo passo para a área é o investimento contínuo em publicações de alta qualidade e na democratização do acesso ao saber científico. O isolamento do consultório deve dar lugar à esfera pública da discussão acadêmica. Ao documentar e publicar seus resultados, o arteterapeuta contribui para uma biblioteca global de evidências que servirá de base para futuras gerações. Este movimento de exteriorização do saber é o que garante que a arteterapia continue a florescer como uma ciência viva, pulsante e conectada com as transformações sociais.

Em suma, a pesquisa é um convite à renovação. Ela nos obriga a olhar para o que fazemos com humildade e coragem, permitindo que as imagens e os relatos de nossos clientes nos ensinem novos caminhos. A conclusão deste artigo é, portanto, um chamado à ação: que cada arteterapeuta veja em sua prática clínica um campo fértil para a investigação, e em cada investigação, uma oportunidade de honrar a beleza e a potência da transformação humana através da arte. Ao unir o rigor do método à entrega do processo criativo, consolidamos uma profissão que não apenas cura, mas que também explica e legitima sua presença no mundo como uma força indispensável para a saúde e a dignidade de todos.

REFERÊNCIAS

BETTS, D. J. A review of the art therapy assessment process. Art Therapy: Journal of the American Art Therapy Association, v. 23, n. 3, p. 122-124, 2006.

GANTT, L. The case for formal art therapy assessments. Art Therapy: Journal of the American Art Therapy Association, v. 21, n. 1, p. 18-29, 2004.

GILROY, A. Art Therapy, Research and Practice: A View from the Interior. London: Routledge, 2006.

HUET, V. Introduction to Art Therapy Research. 3. ed. New York: Routledge, 2025.
KAPITAN, Lynn. Introduction to Art Therapy Research. 3. ed. New York: Routledge, 2025.

LEEDY, P. D.; ORMROD, J. E. Practical research: Planning and design. 12. ed. New York: Pearson Education, 2021.

MALCHIODI, C. A. Art Therapy and Health Care. New York: Guilford Press, 2020.

MCNIFF, S. Art as Research: Opportunities and Challenges. Bristol: Intellect, 2013.